

FINANÇAS

Crédito faz a diferença entre bancos

Balancos das maiores instituições no 3.º trimestre confirmam que disposição de emprestar repercutiu no resultado

Leandro Modé

A safra de balanços do 3º trimestre dos maiores bancos de varejo do País mostra, na média, lucros inferiores aos do mesmo período do ano passado e confirma que a grande diferença entre eles se deu na disposição de emprestar. Depois de Itaú Unibanco, Bradesco, Santander e Caixa, ontem foi a vez de o Banco do Brasil divulgar os resultados trimestrais, que mostraram ganhos 6% maiores que os de igual período de 2008 (*ler mais abaixo*).

“O divisor de águas desse trimestre foi o crédito, notadamente os segmentos que se beneficiaram das medidas anticíclicas do governo, casos do financiamento de veículos e dos empréstimos consignados em folha de pagamento”, sintetizou o analista de instituições financeiras da **Austin Rating, Luís Miguel Santacreu**.

“De forma geral, posso dizer que os números de Santander e Bradesco foram fracos, os do Itaú Unibanco foram bons e os do Banco do Brasil, razoavelmente bons”, completou o analista de bancos da Consultoria Lopes Filho, João Augusto Frota Salles.

Aqui vale uma explicação: os analistas fazem previsões dos resultados para balizar seus clientes na hora de comprar ou vender uma ação. Neste trimestre, o Itaú superou as projeções médias, enquanto Santander e Bradesco ficaram abaixo. No Banco do Brasil, os números vie-



ALAVANCA - Aldemir Bendine, do BB: crédito cresceu 41,2% de setembro de 2008 a setembro de 2009

ram dentro do esperado - uma vez que os especialistas já embutiam nas projeções uma forte expansão do crédito.

‘O divisor de águas desse trimestre foi o crédito’, diz analista

Vale também lembrar que, no auge da crise, o governo, acionista majoritário do BB, trocou parte da diretoria (inclusive o

presidente) com objetivo de estimular a concessão de empréstimos. Salles ressalta que, no caso específico do Itaú, a avaliação positiva do mercado é explicada pelos ganhos da instituição na área de tesouraria (que administra os recursos do próprio banco).

Santacreu lembra que o governo ampliou o limite do consignado para aposentados e pensionistas do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Antes, eles podiam comprometer só 20% do benefício mensal com a parcela do empréstimo. A mu-

dança o elevou para 30%.

O analista também citou a redução do IPI para a compra de veículos, o que estimulou a indústria automotiva e, por tabela, os financiamentos do setor. “Quem melhor aproveitou essas alterações foi o Banco do Brasil, que ocupou espaço em dois segmentos nos quais era fraco”, observou.

O balanço de ontem mostra que a carteira de crédito consignado no BB avançou 133,7% entre setembro de 2008 e 2009. Turbinados pela parceria com o Banco Votorantim, os emprés-

timos na área de veículos subiram 243,4% no mesmo período.

TENDÊNCIA

Segundo dados compilados pela **Austin Rating**, a carteira de crédito cresceu 41,2% no BB entre setembro do ano passado e setembro deste ano, 5,2% no Itaú Unibanco, 12,7% no Bradesco, 61% na Caixa Econômica Federal (puxado pelos financiamentos imobiliários) e 4,4% no Santander Real.

Salles acredita que o panorama do setor não mudará muito no último trimestre do ano. “Provavelmente vamos ver uma estabilização do que ocorreu no terceiro trimestre”, afirmou. Os efeitos da crise nos balanços, observou, já ficaram para trás.

No entanto, ele avalia que levará mais tempo para que os bancos retomem o ritmo de crescimento do período pré-crise. “Acho que só no segundo trimestre do ano que vem, pois o primeiro é marcado pela sazonalidade, com pagamentos de matrículas escolares e vários impostos.”

Os dados do terceiro trimestre também revelam que o pior, em termos de inadimplência, ficou para trás. Segundo executivos dos bancos, a tendência é de estabilização dos índices no quarto trimestre e queda a partir daí. “O pico já foi superado”, disse ontem o vice-presidente do BB, Ivan Monteiro. ●

BB aposta em empréstimos e eleva lucro em 6% no trimestre

O lucro líquido do Banco do Brasil cresceu 6% no terceiro trimestre deste ano em comparação com igual período do ano passado, para R\$ 1,979 bilhão. Considerando o intervalo janeiro-setembro, a expansão foi de 2,3%, para R\$ 5,992 bilhões.

Os ativos totais, que alcançaram R\$ 685,7 bilhões, garantirão à instituição uma liderança mais folgada no ranking das maiores do setor no País. O Itaú Unibanco, segundo colocado, encerrou o trimestre com R\$ 612,4 bilhões. O dado foi celebrado pelo presidente do BB, Aldemir Bendine. “Os números reforçam nossa condição de maior banco da América Latina.”

O principal destaque do balanço do BB foi a expansão da carteira de crédito, que ultrapassou R\$ 300 bilhões ao final de setembro. Excluindo a Nossa Caixa (comprada pela instituição controlada pelo governo há um ano) e o Banco Votorantim (com o qual o BB fez uma parceria), o crescimento foi de 21,5% nos 12 meses encerrados em setembro. Sozinho, o Banco do Brasil responde por 20,1% do crédito total no País.

Analistas da Ativa Corretora e do Banco Fator consideraram o resultado do BB neutro. “Mais uma vez, entendemos que os números do BB demonstram boa capacidade de geração de resultado e manutenção da rentabilidade em patamares elevados”, escreveram os analistas do Fator.

Bendine destacou os dados relativos à inadimplência, que (1) já mostram tendência de queda e (2) são inferiores à média do mercado. Nas operações em atraso há mais de 90 dias, o índice de pessoas físicas no BB ficou em 5,2% (ante 8,2% do sistema). Nas pessoas jurídicas, o indicador ficou em 3,1% (ante 4% do sistema financeiro).

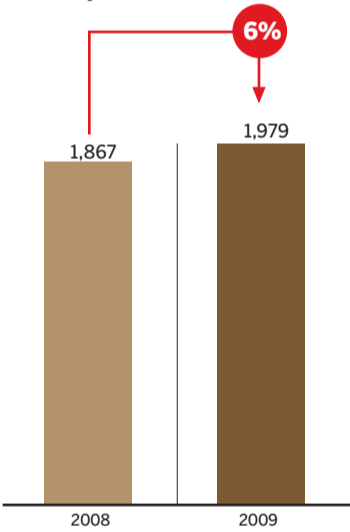
Ele afirmou que ainda não há previsão para crescimento do crédito em 2010. O BB anunciou ontem que recebeu autorização da Comissão de Valores Mobiliários dos EUA (SEC, em inglês) para lançar recibos de ações (ADRs) no país. ● L.M.

NA ONDA DO CRÉDITO

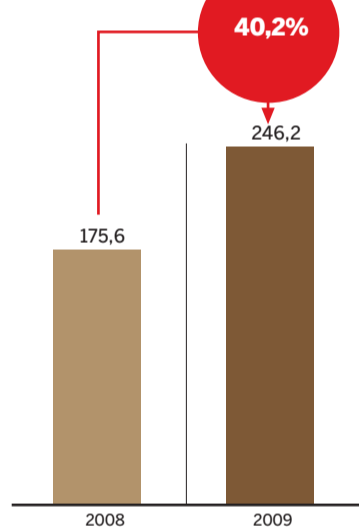
BB lucra mais e atribui desempenho à expansão dos empréstimos

EM BILHÕES DE REAIS

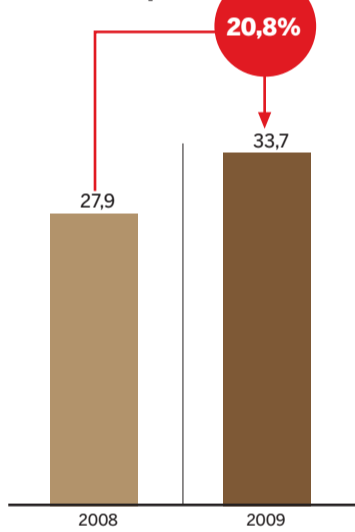
Terceiro trimestre Lucro líquido



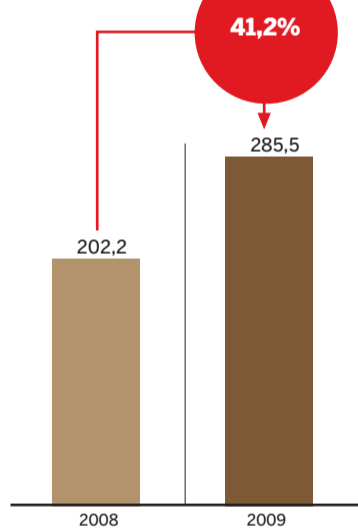
Ativos totais



Patrimônio líquido



Carteira de crédito



Lucro líquido dos principais bancos

De janeiro a setembro

Banco	2008	2009	Variação (%)
Itaú Unibanco	8,133	6,854	-15,7%
Bradesco	6,015	5,831	-3,05%
Santander	2,230	2,914	30,7%
B. do Brasil	5,858	5,992	2,3%

FONTES: BANCOS E AUSTIN RATING

INFOGRÁFICO/AE

Bancos voltaram a elevar os juros em outubro, diz Anefac

Alta de 0,02 ponto porcentual para consumidores e empresas é causada pelo aumento dos juros futuros

Márcia De Chiara

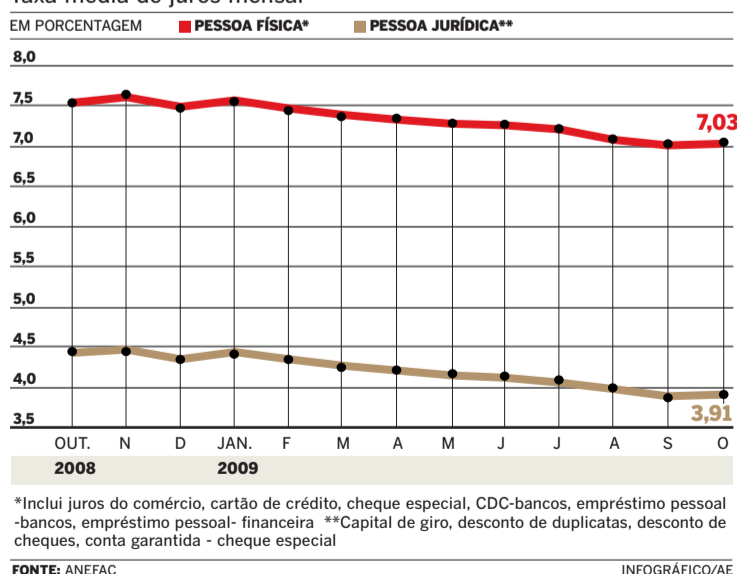
Os juros cobrados dos consumidores e das empresas voltou a subir em outubro, depois de oito meses seguidos de queda. No mês passado, a taxa média cobrada do consumidor foi de 7,03% ao mês, com alta de 0,02 ponto porcentual na comparação com setembro, aponta a pesquisa da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac). No caso das empresas, a taxa média, que estava em 3,89% ao mês em setembro, subiu para 3,91% em outubro, um acréscimo também de 0,02 ponto porcentual.

“Não chega a ser uma alta substancial”, observa o coordenador da pesquisa e vice-presidente da entidade, Miguel Ribeiro de Oliveira. Na opinião dele, esse acréscimo é resultado do aumento do custo do capital para as instituições financeiras, já que os juros subiram no mercado futuro na expectativa de que o Banco Central (BC) venha a elevar a taxa básica de juros, a Selic, no ano que vem.

Na opinião do economista, a elevação das taxas médias não significa uma mudança de rota.

INVERSÃO

Taxa média de juros mensal



*Inclui juros do comércio, cartão de crédito, cheque especial, CDC-bancos, empréstimo pessoal -bancos, empréstimo pessoal - financeira **Capital de giro, desconto de duplicatas, desconto de cheques, conta garantida - cheque especial

FONTE: ANEFAC

INFOGRÁFICO/AE

“É cedo para dizer que as taxas voltarão a subir. A tendência ainda é de queda dos juros”, afirma Ribeiro de Oliveira. Ele lembra que o recuo da inadimplência abre caminho para novos cortes no juros.

Apesar de a perspectiva continuar favorável à queda das taxas, no mês passado a pesquisa da Anefac mostrou que, das seis linhas de crédito ao consu-

midor avaliadas, houve elevação dos juros em cinco. Os maiores aumentos, de 0,04 ponto porcentual na comparação com setembro, ocorreram no cheque especial e no empréstimo pessoal dos bancos.

Apenas o cartão crédito manteve os juros no último mês. Para empresas, no entanto, a alta foi generalizada. O maior acréscimo, de 0,04 ponto porcentual

entre setembro e outubro, ocorreu na conta garantida, espécie de cheque especial para companhias.

DESCOMPASSO

Apesar de a taxa básica de juros ter recuado neste ano cinco pontos percentuais, de 13,75% ao ano, em dezembro de 2008, para 8,75% ao ano em outubro último, há um grande descompasso entre a Selic e os juros cobrados dos consumidores e das empresas. Anualizada, a taxa média de juros ao consumidor estava em 125,98% em outubro, 14,5 vezes maior que a taxa básica de juros.

Tendência da taxa ainda é de queda, diz economista

No caso dos custo médio dos financiamentos para empresas, a taxa média estava em 58,45% ao ano no mês passado. Esse juro é quase sete vezes maior que a taxa básica de juros. “Isso mostra que, apesar dos cortes na taxa básica, os juros cobrados do consumidor e das empresas ainda é muito alto”, observa Ribeiro de Oliveira. Quanto aos prazos dos financiamentos, não houve alterações. No caso de veículos, o prazo máximo está em 80 meses e o médio, em 42 meses. Para outros bens, o prazo é de 36 e 16 meses, respectivamente. ●

‘País terá pressão cambial astronômica’

Diretor do BNDES defende taxaço de estrangeiro e pede mais medidas

Jacqueline Farid

RIO

O Brasil sofrerá uma “pressão cambial astronômica” por um período de até dois anos e, por isso, são necessárias medidas adicionais para reduzir o “apetite” do capital especulativo. O alerta é do superintendente de pesquisa e acompanhamento econômico do BNDES, Ernani Torres. Segundo ele, um dos maiores problemas da economia brasileira daqui para frente é o fato de o País ter-se transformado numa “das principais trincheiras da nova bolha especulativa internacional”.

Segundo Torres, essa pressão cambial poderá reduzir a competitividade das empresas brasileiras e ampliar o déficit em transações correntes. Ele elogiou a decisão do Ministério da Fazenda de taxar o capital externo com Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) e acredita que o valor do tributo poderá até aumentar, caso o governo considere necessário.

“O IOF foi um belo caminho e não sei se haverá aumento do imposto, mas o governo poderá criar medidas regulatórias, por exemplo”, disse, após palestra

na sede do Ipea, no Rio, defendendo a adoção de novas medidas. Em 20 de outubro, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, anunciou a criação da alíquota de 2% sobre a entrada de investimentos externos em renda fixa e variável, para conter a valorização do real.

Apesar das dificuldades impostas às empresas pelo dólar em nível reduzido, Torres considera que a economia brasileira “já está bombando” e os dados do Produto Interno Bruto (PIB) vão mostrar uma recuperação importante no terceiro e no quarto trimestres. Ele acredita em expansão do PIB de 5,5% a 6% no ano que vem.

Em relação aos investimentos, Ernani Torres admite que a reação está mais lenta do que nos demais segmentos da economia, mas acredita que “até meados do ano que vem, os últimos resquícios da crise vão passar” e o setor privado vai investir mais. Segundo ele, a demanda pelos recursos do BNDES tendem a crescer no cenário de crescimento mais forte e deverão ser necessários novos aportes do Tesouro e maior participação do setor privado no crédito às empresas. ●